GT: Marxismo, Classes e Educação.

EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE CAPITALISTA: APONTAMENTOS INICIAIS

Jandira Augusta Guimarães[1]
Maria da Conceição Pinheiro Gadêlha Coelho[2]
Sirneto Vicente da Silva[3]

RESUMO: Este trabalho busca analisar a formação de professores no contexto da sociedade capitalista, tendo como fundamento o trabalho, concebido por Marx (2016). O objetivo principal é debater a educação como práxis humana e analisar a relação entre trabalho e a formação de professores/as, no contexto da sociedade capitalista. As discussões resultam das disciplinas "Trabalho, Práxis, Educação" e "Estado, Sociedade e Educação", ambas, do Mestrado Intercampi em Educação e Ensino (MAIE/UECE). A metodologia é qualitativa e baseada em pesquisa bibliográfica, focando na habilidade de compreender e detalhar a totalidade social. A base teórica fundamenta-se em trabalhos que reflexionam a educação, o trabalho docente e a formação humana. Os resultados evidenciam a necessidade de perceber a educação, enquanto finalidade maior para a humanização do ser. Este processo ocorre nas contradições e na realidade desumanizadora em que os seres humanos se colocam nas interações com os outros e a natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Sociedade Capitalista. Formação de professores/as.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, buscamos analisar a formação de professores no contexto da sociedade capitalista, tendo como fundamento o trabalho, concebido por Marx (2016), como fundante do ser social, com vistas a uma educação emancipadora. A discussão é pertinente ao se abordar à formação de professores no contexto neoliberal em um cenário caracterizado por políticas privatistas e aniquilação das conquistas sociais. As nossas percepções apontam que o discurso educacional legitima atitudes que resultam no fracasso escolar. Assim, os professores atuam em um território de disputa em que o capital se insere na política educacional por meio de organizações que se

[1] Universidade Estadual do Ceará, e-mail: jandira.guimaraes@aluno.uece.br.
[2] Universidade Estadual do Ceará, e-mail: conceicao.pinheiro@aluno.uece.br.
[3] Universidade Estadual do Ceará, e-mail: sirneto.silva@uece.br.

autoproclamam como garantidoras dos resultados necessários de aprendizagem. O nosso estudo procura aludir questões que não devem ser negligenciadas no processo de formação de professores: que projetos formativos estão voltados aos nossos professores/as? Para qual sociedade? Como se desvincular de modelos e práticas profundamente arraigadas no campo de formação de professores?

Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, uma vez que foca na capacidade de entender e detalhar a totalidade da sociedade. A origem da pesquisa qualitativa está nas ciências sociais, capaz de identificar significados ligados à realidade do objeto de estudo (Minayo, 2009).

A inquirição é realizada através da interação dialética entre o investigador e a realidade objetiva. O estudo é fundamentado em uma revisão bibliográfica, fundamentada em Brito; Lima; Silva (2017), Cardoso (2023), Duarte (2009), Freitas (2018), Laval (2019), Mascaro (2022) e Tonet (2017), entre outros, que contribuem na compreensão da educação, sociedade e o processo histórico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Do ponto de vista histórico, na antiguidade, homens e mulheres esforçavam-se para modificar a natureza, utilizando o trabalho como instrumento de subsistência. Portanto, naquela época, o trabalho assegurou a condição como indivíduos sociais, seguidos pela linguagem para a comunicação. A linguagem surge do trabalho, da necessidade que o indivíduo teve de comunicar as descobertas realizadas por eles no processo de transformação da natureza, isto é, no processo de trabalho (Engels, 2006).

Assim, a linguagem constitui um processo histórico fundamental para a preservação da vida, pois, conforme Wittgenstein (2008), a linguagem é o limite do mundo, pois, através da linguagem, as pessoas compartilham experiências, constroem conhecimento e formulam leis e regras, o que torna possível a continuidade da civilização. Para ele, sem a linguagem não haveria compartilhamento de conhecimento, o que é vital para a adaptação e a evolução.

Com o advento do capitalismo, o trabalho passou a ser percebido como um produto, prevalecendo cada vez mais à exploração e produção em larga escala. No capitalismo, as interações sociais são marcadas por desigualdades, dominação e alienação. Duarte (2009, p. 6) explica que as alterações ocorridas com a sociedade capitalista “[...] implicou profundas alterações nas relações entre produção material, produção do saber e apropriação do saber”, tendo diversas consequências na educação escolar, pois esta passou à condição de forma socialmente dominante de educação.

O autor destaca que a sociedade capitalista impacta profundamente na educação e nas interações do conhecimento, configurando políticas de competição, associadas a uma pedagogia das

competências e do neotecnicismo; formações continuadas terceirizadas a organizações empresariais. Neste sentido, o Estado torna-se propulsor das concepções neoliberais, criando leis para legitimar as organizações de direito privado se inserir no espaço público.

Para Mészáros (2011), o tripé que forma o núcleo do sistema sociometabólico do capital é composto pelo capital, trabalho remunerado e o Estado. Em sua obra "Crítica do fascismo", Mascaro (2022), argumenta que o Estado não é um território neutro. Assim, esclarece que o Estado é a forma política do capital. O capital é uma relação social que desacredita o próprio indivíduo envolvido na relação social. Laval (2019) enfatiza em sua obra "A escola não é uma empresa", criticando a mercantilização do ensino ao afirmar que é fundamental combater as dinâmicas de desigualdade que minam as bases da escola pública. Além disso, é importante lembrar que esse sistema hierárquico não é exclusivo de um país, mas se manifesta globalmente. O autor explica que são necessárias ações locais de resistência e contramedidas que busquem promover maior igualdade entre os alunos. No entanto, fica evidente que a lógica abrangente do neoliberalismo só pode ser enfrentada em um contexto internacional.

A declaração de Laval (2019) é pertinente para a realidade atual da educação no Brasil, prevalecendo uma ideologia focada na eficiência econômica, que transforma as escolas em empresas e trata pais e alunos como clientes, além da uniformização nas políticas educacionais vinculadas a órgãos multilaterais que transformam a educação em mercadoria.

Sob uma perspectiva crítica em relação à sociedade capitalista e em conformidade com o pensamento marxista, a educação mantém uma relação ontológica com o trabalho e, portanto, a humanidade é uma construção histórica e nessa condição a educação cumpre papel fundamental para tornar indivíduos aptos a se apropriarem do conhecimento construído pela humanidade que lhes permitam inserir-se socialmente. O complexo educação advinda do trabalho assegura a transmissão do conhecimento, porém na atual realidade capitalista a sua função precípua ao ser relegada a terceiros nega o conhecimento acumulado historicamente e permite o controle da subjetividade humana originando no ato do trabalho a subordinação ao sistema capitalista.

Em relação à atividade educativa transformadora na formação do docente, Brito, Lima e Silva (2017) destacam a atividade educativa, quando acompanhada por uma interpretação teórica, capacita o professor a enxergar sua prática como uma ação de transformação. Nesse contexto, a formação é entendida como um processo de autonomia, pois, ao estar fundamentada na capacidade de promover mudanças, carrega consigo um propósito de emancipação. É preciso entender que a emancipação humana ultrapassa a estrutura de classes e o trabalho explorado. Trata-se de entender o ser humano

de uma forma integral. Assim, Tonet (2017) define a emancipação humana como um tipo de sociabilidade onde todos os indivíduos gozam de liberdade plena, tornando-se senhores de sua própria história. É importante destacar que a liberdade só é possível dentro de uma sociedade; a ideia de um indivíduo isolado e livre é, na verdade, uma ficção.

Compreende-se que as relações mais humanizadas e menos orientadas para o mercado requerem uma nova concepção de educação e sociedade, em que a construção do saber acontece de maneira dialética e coletiva. Conforme o pensamento marxista, uma educação mais humanizada será alcançada quando o trabalhador dominar os fundamentos científicos, teóricos e práticos dos vários processos laborais que combatem a alienação. Logo, a educação não se restringe a um instrumento de progresso social ou a uma mera ferramenta de sustentação do sistema capitalista produtivo. Em concordância com o pensamento acima, de Freitas (2018), acerca da educação e gestão pública no Brasil, destaca-se:

> A "educação pública de gestão pública" brasileira encontra-se em risco tanto pelas teses da "nova direita" neoliberal quanto pelo capitalismo desenvolvimentista e pelas teses de centro-esquerda sociais-democráticas. E aqui não existe um mal menor: a educação pública é fundamental. Um ataque à "escola pública de gestão pública" é um ataque à democracia (Freitas, 2018, p. 54, grifos do original).

O pensamento de Freitas (2018) acerca da educação pública é uma manifestação de resistência às políticas neoliberais na área educacional, que levam à mercantilização do ensino, à gestão de resultados, à privatização das políticas de formação de professores e a um sistema de avaliação padronizado, fundamentado em acordos internacionais, com objetivo de satisfazer as demandas do mercado.

No campo da formação de professores, evidencia-se um trabalho fragmentado, uma visão pragmática, precarizada, buscando uma racionalidade técnica instrumental. As reformas educacionais e a política de formação de professores estão diretamente relacionadas ao rendimento dos estudantes nas avaliações externas e ao trabalho do professor. Vejamos Cardoso (2023), ao tratar da política de formação de professores:

> Outro elemento que marcou a política de formação de professoras(es), no período pós-LDB e durante os governos FHC/PSDB, foi a responsabilização de docentes por atingimento de patamares em índices de avaliação educacional, tensionando à formação de 36 docentes como se fora um "Toque de Midas", uma vez melhores formados tudo da educação viraria puro "ouro", atrelado a um discurso que criou no professorado a ideia de protagonismo com viés messiânico de que a educação e sua melhoria dependiam, em grande medida, de seu empenho (Cardoso, 2023, p. 35).

Corroborando as ideias de Cardoso, existem muitos embates no campo da formação de professores/as. A implementação das reformas educacionais, com destaque para a Base Nacional

Comum Curricular (BNCC) em 2017, tornou-se força imperativa no processo educacional, na gestão dos sistemas de ensino e nas políticas de capacitação de docentes, fundamentadas no discurso de excelência na educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a formação do professor está condicionada a um currículo que atende a uma lógica empresarial, ou seja, uma formação pautada em competências e habilidades voltadas para atender o mercado de trabalho, cumprindo regras capitalistas da competitividade e do individualismo. Os princípios da qualidade total, submete um currículo aligeirado em que o professor é um treinador de conteúdos padronizados para a submissão de avaliações que, por sua vez, são mensurados para compor indicadores que revelam uma escola supostamente adequada ao modelo de sociedade vigente.

A restrição aos conteúdos historicamente acumulados pela humanidade implica na formação de uma sociedade de indivíduos alienados a criticidade do seu meio. A sociedade do conhecimento intelectual para quem têm poder de mando e o conhecimento técnico-profissionalizante para grande maioria que estar no andar de baixo da pirâmide social revela a realidade da educação brasileira em vista a cumprir perfis de condições competitivas no cenário nacional e internacional regulado pelo mercado.

Inserir uma prática pedagógica que subsidie educadores, alunos e a comunidade escolar, numa perspectiva crítica são um dos maiores desafios dada a realidade estrutural em que se insere a educação. Considerar que a educação constitui um campo de diferentes projetos formativos, nos remete a compreender que o processo educativo ocorre dentro e fora da escola no contexto da totalidade social. Portanto, professores na condição de sujeitos históricos, devem se desafiar para alterar processos de alienação e instigar uma educação integral como formação humana, sendo necessário aproximar a escola de um ambiente formador, reflexivo, crítico.

REFERÊNCIAS

BRITO, Lúcia Helena de; LIMA, Lydyane Maria Pinheiro de; SILVA, Sirneto Vicente da. Formação de Professores e Prática Docente: uma reflexão à Luz do Pensamento Crítico Marxista. **Revista Dialectus**. Ano 4. N.10. Janeiro a julho 2017. Dinsponível em: http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/19925. Acesso em: 27 out. 2024.

CARDOSO, Nilson de Souza. **A Dimensão Política na Formação de Professores (as) Formadores(as) mediada pelo sujeito coletivo em torno do Pibid**. 2023. 163f. (Tese de Doutorado Acadêmico). Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza- CE.

DUARTE, N. **LUKÁCS E SAVIANI:** A ontologia do ser social e a pedagogia Histórico-Critica. Disponível em: https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/GlNNNi3M.pdf. Acesso em: 11 jul. 2024.

ENGELS, F. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876). **Trabalho Necessário**, v. 4, n. 4, 2006. Disponível em: https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4603/4239. Acesso em maio de 2024.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação:** nova direita, velhas ideias. 1. Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2018.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa:** o neoliberalismo em ataque ao ensino público. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

MASCARO, Alysson Leandro. **Crítica do Fascismo**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2022.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital:** rumo à teoria da transição. Trad. Paulo Cezar Castanheira e Sergio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011.

MINAYO, M. C. O desafio da pesquisa social. In: Minayo, M.C. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ. Vozes, 2009.

TONET, I. A Formação de Professores e a Possibilidade da Emancipação Humana. **Revista GESTO-Debate**, v. 3, n. 01-04, 19 set. 2022. Disponível em: https://periodicos.ufms.br/index.php/gestodebate/article/view/17091. Acesso em: 27 ago. 2024.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 9-112.